

Modelos de linguística textual, linguagem da imediatez e linguagem da distância dos/nos textos¹: uma abordagem concisa de Petöfi, van Dijk e Koch e Oesterreicher

Models of textual linguistics, language of immediacy, and language of distance from texts: a brief approach of Petöfi, van Dijk e Koch e Oesterreicher theories

Wallace Dantas

Mestrando da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

MBA em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9716-644X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1459889103116363>

E-mail: wallacedantaspb@hotmail.com

Resumo

O presente texto, de cunho teórico, pretende trazer uma abordagem concisa de teorias que, ao longo dos anos, estão contribuindo com os estudos do texto, principalmente, quando falamos de Linguística Textual (doravante LT). Abordaremos os modelos de linguística textual de Petöfi (1971), van Dijk (1977) e a relação entre oral e escrito a partir de Koch e Oesterreicher (2007, 2013). Para a abordagem dos dois primeiros autores, temos como fundamento Bernárdez (1982). A fim de completar o debate aqui travado, quando necessário, buscamos reflexões em Miranda (2016a, 2016b), Koch (1997, 2015a, 2015b), entre outros. Objetivamos, de forma concisa, apresentar modelos de linguística textual, além de explicitar, ao lado desses modelos, a relação entre falado e escrito desses textos num contínuo de oralidade e escrituralidade.

Palavras-chave: Modelos de análise textual. Linguística Textual. Texto. Oral e Escrito.

Abstract

This paper, which has a theoretical perspective, aims to show a brief approach of theories that throughout the years have been contributing to the studies of texts, mainly regarding Textual Linguistics. It will be tackled the textual linguistics models of Petöfi (1971), van Dijk (1977), and their connection to oral and written models of Koch and Oesterreicher (2007, 2013 respectively), Petöfi's (1971) and Van Dijk's models are analyzed based on Bernárdez's (1982) perspective. Other authors, such as Miranda (2016) and Koch (2015a, 2015b) were accessed in order to better fulfill the discussions developed in this paper. This article aims to present didactically and concisely textual linguistics models and to explain their connection to oral and written texts in an orality and literacy view.

Keywords: Text analysis models. Text Linguistics. Text. Oral and Written.

Data de submissão: 07/04/2020 | Data de aprovação: 18/05/2020

1 Palavras Iniciais

A Linguística Textual (doravante LT) é o ramo da Linguística que estuda os fenômenos da língua a partir do texto, ou, melhor dizendo, estuda o texto, tendo-o como seu objeto de pesquisa. Porém, é importante compreender que o avanço da LT, além de outros aspectos, emana de diferentes concepções de texto que a própria Linguística tem mantido durante todo

¹ Parte do título deste artigo é uma menção direta ao título do capítulo 5 do livro “Introducción a la linguística del Texto” de Enrique Bernárdez, de 1982, que serviu de fundamento para uma parte significativa deste trabalho.

seu percurso, acarretando, assim, no seu processo evolutivo, diferenças bastante significativas (KOCH, 2015a).

Nesses termos, de maneira resumida, concordamos com Koch (2015a) e apresentamos as concepções de texto que fundamentaram os estudos em LT, ressaltando, porém, que tais concepções, em dados momentos, podem se correlacionar.

Quadro 1 - Concepções de texto

i)	Texto como frase completa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico – concepção de base gramatical;
ii)	Texto como signo complexo – concepção de base semiótica;
iii)	Texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas – concepção de base semântica;
iv)	Texto como ato de fala complexo – concepção de base pragmática;
v)	Texto como discurso “congelado”, como produto acabado de uma ação discursiva – concepção de base discursiva;
vi)	Texto como meio específico de realização da comunicação verbal – concepção de base comunicativa;
vii)	Texto como <i>processo</i> que mobiliza operações e processos cognitivos – concepção de base cognitivista;
viii)	Texto como <i>lugar de interação</i> entre atores sociais e de construção interacional de sentidos – concepção de base sociocognitivista-interacional.

Fonte: Koch (2015a, p. 11-12)

Conforme Quadro 1, considerando o contexto de surgimento da LT e de produção a ela relacionada, em meados da década de 1960, indo até metade da década de 1970, o que os estudiosos estavam fazendo era se debruçar sobre análises transfásica e/ou sobre a construção de gramáticas do texto (KOCH, 2015a). Então, em um primeiro momento, o que se pretendeu foi uma análise que tivesse a condição de ir além da frase e de seus limites propriamente ditos, para tratar de fenômenos como a referenciação, seleção do artigo (definido e indefinido), concordância de tempos verbais, relação semântica entre frases que não são ligadas por conectivos, alguns fatores de ordem prosódica, etc.

Chamamos a atenção já para a década de 80 quando houve a ampliação do **conceito de coerência**, a partir de uma perspectiva pragmático-enunciativa, na qual a coerência é tida não apenas como uma simples e mera propriedade do texto em si mesmo, mas como um fenômeno amplo, que se constrói em uma determinada situação de interação, entre o texto e os usuários que o criam, considerando uma extremamente complexa rede de fatores linguísticos, cognitivos, socioculturais e interacionais (KOCH, 2015a). Nessa perspectiva, mencionamos os importantes trabalhos de Jonas Petöfi.

Ainda na década de 80, agora, considerando o processamento cognitivo do texto, mencionamos os trabalhos de van Dijk, que a cada momento foram ganhando mais espaço chegando, assim, à década de 1990, porém, com forte tendência sociocognitivista. Chamamos a atenção, nessa década, além de para o próprio van Dijk (1977), para autores como Koch e Oesterreicher (2007, 2013) e Adam (1990), só para citar alguns exemplos.

Ainda na década de 1990, ganharam importância os estudos de vertente sociocognitiva, abrangendo temas como a referenciação, inferenciação. A partir de então, oralidade, relação oralidade/escrita, além dos estudos dos gêneros do discurso vão ganhando notoriedade também.

As pesquisas a partir do estudo do texto falado, envolvendo questões de ordem sociocognitiva e interacional, vão ganhando uma projeção maior, tomando direções diferentes da Análise da Conversação, a partir do que pode ser verificado na obra dos autores alemães Koch e Oesterreicher (2007, 2013), como também em projetos de análise de descrição da modalidade oral da língua, tanto na Europa, como na América².

No tocante à questão acima, relativa aos gêneros textuais/discursivos, mencionamos, como sendo de importância vital, os estudos do Círculo de Bakhtin. Somando-se a esses estudos, também, autores como Miller, Bazerman, Jean-Michel Adam, Bernard Schneuwly, Joachim Dolz, Jena-Paul Bronckart, entre outros.

Nessa perspectiva, considerando esses momentos cronológicos caros à compreensão da LT, nosso olhar, neste artigo, está voltado para alguns autores específicos. Não seguimos ordem cronológica para a escolha dos autores, mas tomamos por base autores mencionados por Bernárdez (1982) ao mencionar alguns **modelos de linguística textual**. Assim, partindo dessa perspectiva, neste trabalho, refletimos sobre dois autores em específico: János Sándor Petöfi e Teun van Dijk. Em seguida, explanamos os postulados proposto por Koch e Oesterreicher (2013). Por fim, as Palavras Finais.

2 Modelo Textual de Petöfi

Bernárdez (1982) diz que o modelo de análise textual proposto por János Petöfi é o mais conhecido da LT e o que possui uma maior bibliografia e extensão quanto a sua produção. O modelo proposto por este autor é o TeSWeSt (*Text-Struktur-Wel-Struktur-Theorie*: teoria da estrutura do texto/teoria da estrutura do mundo). Foi desenvolvido no início dos anos 70 e, ao longo dos anos, vem sofrendo consideráveis alterações.

Tal modelo pretende estudar, conforme Bernárdez (1982), os fatos referenciais do texto, ou seja, a relação entre o texto linguístico e a realidade sobre a qual se produz a comunicação, isto é, “a realidade do mundo”. De acordo com esse modelo de análise, para a efetivação do estudo do texto com a realidade do mundo, observa-se a relação do texto com “mundos diversos”, desconsiderando as regras de comportamento do indivíduo produtor do texto.

Em linhas gerais, à luz das palavras de Koch (2015a), tal modelo diz respeito a uma representação semântica que não pode ser determinada no que diz respeito às manifestações

² Aqui, no Brasil, a partir do que nos fala Koch (2015a), podem ser mencionados os projetos seguintes e suas respectivas produções, sejam no âmbito de dissertações de mestrado, como também em teses de doutorado. Importante dizer também que alguns deles se encontram com suas atividades de pesquisas concluídas. 1) Projeto de Gramática do Português Falado; 2) o projeto NURC/SP; 3) o projeto NELFE (Núcleo de Estudos Linguísticos sobre a fala e a escrita) na UFPE.

lineares do texto, sendo elas determinadas pela parte transformacional. Em miúdos, Petöfi “quiere construir un modelo textual que sea capaz tanto de la síntesis como del análisis: tanto de explicar la producción del texto como su comprensión” (BERNÁRDEZ, 1982, p. 166). Podemos compreender que tal modelo é, ao mesmo tempo, universal e particular, pois atenta para a geração/interpretação não só de tipos gerais de textos, como de textos reais de qualquer língua (BERNÁRDEZ, 1982). Esse modelo de análise torna possível, então: i) a análise de textos, ou seja, a imputação de uma manifestação linear de qualquer base textual possível; ii) a síntese do texto, que é a criação de todo e qualquer fundamento textual possível e iii) a comparação de textos. Assim, o léxico tem papel fundamental, a partir de suas representações semânticas intencionais.

Bernárdez (1982), a partir do modelo textual de Petöfi (1971), apresenta a estrutura geral do modelo da TeSweSt, que é formada pelos componentes que seguem:

Quadro 2 - Componentes do modelo de análise textual de Petöfi

- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1) A gramática do texto 2) A semântica do mundo 3) Léxico |
|---|

Fonte: Bernárdez, 1982, p. 169

O léxico está como último elemento por ser a base dos outros que o precedem, ou seja, a gramática do texto e a semântica do mundo operam a partir do léxico, que é entendido como elementar, interlinguístico, abstrato e universal, considerando seu aspecto dicionarizado. No entanto, ele também pode ser compreendido como uma “enciclopédia básica” na qual estão inseridos os conhecimentos de um falante em um determinado momento no mundo, a partir do uso da língua. Ou seja, o léxico, além de possuir significado linguístico, comporta também conhecimento do mundo. Nas palavras de Koch (2015a, p. 23), “essa teoria, desenvolvida a partir de 1973 [...] está centrada na relação entre a estrutura de um texto e as interpretações extensionais (em termos de mundos possíveis) do mundo (ou complexo de mundos) que é textualizada em um texto.”

Entendendo brevemente as bases teóricas do modelo textual de Petöfi, passamos agora para algumas considerações sobre o modelo de Van Dijk.

3 Modelo Textual de Van Dijk

Bernárdez (1982) afirma que o modelo textual proposto por van Dijk, elaborado especialmente para a Literatura, mas usado sobremaneira na Linguística, goza de um enorme prestígio, ao lado do modelo proposto por Petöfi, na Europa (ocidental e oriental). Para Bernárdez (1982), van Dijk pretendia ampliar uma gramática já conhecida, com o intuito de ir além de análises oracionais, passando pelos textos, principalmente, poéticos e narrativos. Nesses termos, um dos méritos de van Dijk diz respeito ao fato de ele provocar uma grande discussão no que diz respeito à necessidade de uma teoria de uma gramática textual. Ele propõe uma descrição da capacidade do falante para a produção e para o entendimento de

textos coerentes em determinados contextos. E, como Petöfi, van Dijk parte da suposição de que existem, nos textos, níveis fundamentais: a macroestrutura e a microestrutura.

Para Van Dijk, *apud* Bernárdez (1982), a macroestrutura vai além da estrutura profunda que se encontra na gramática de Chomsky. Nesse sentido, então, em certo ponto, tal pensamento atrela-se ao discurso de Petöfi, na base textual TeSWeST. Essa macroestrutura, entendida a partir do viés pragmático, determina a aparição de estruturas semânticas e, depois, linguísticas. Tal modelo, então, como percebemos, mantém relação com outros já elencados.

Resumidamente, a partir de tais considerações, vemos que van Dijk construiu gramáticas textuais, considerando os seguintes argumentos a favor delas, já sintetizados por Koch (2015a):

Quadro 3 - Argumentos considerados na construção de gramáticas por Van Dijk

- 1) Cabe à teoria linguística em geral e às gramáticas textuais em particular dar conta da estrutura linguística de enunciados completos, isto é, também enunciados constituídos de sequências de frases;
- 2) Existem propriedades gramaticais além do limite das sentenças, por exemplo, as relações semânticas entre elas;
- 3) O estudo do texto/discurso permite chegar a generalizações sobre as propriedades de períodos compostos e de sequências de frases;
- 4) Certas propriedades linguísticas fazem parte de unidades suprassentenciais, como, por exemplo, fragmentos de texto, parágrafo, sequências, bem como a macroestrutura textual;
- 5) O relacionamento entre gramática e pragmática pressupõe uma descrição gramatical tanto de sequências de frases, como de propriedades do discurso como um todo, para dar conta de fenômenos como a relação entre atos de fala e macroatos de fala;
- 6) Uma gramática textual fornece uma base mais adequada para um relacionamento mais sistemático com outras teorias que se ocupam do discurso, como a estilística, a retórica, a poética, entre outras;
- 7) Uma gramática de texto oferece melhor base linguística para a elaboração de modelos cognitivos do desenvolvimento, produção e compreensão de linguagem;
- 8) Uma gramática textual fornece melhor base para o estudo do texto e da conversação em contextos sociais interacionais e institucionais, bem como para o estudo dos tipos de discurso e usos da linguagem entre culturas.

Fonte: Koch, 2015a, p. 23-24

Seu modelo de gramática textual, conforme Koch (2015a), apresenta três elementos basilares: i) está inserido no quadro teórico gerativista; ii) usa, de grande forma, o instrumento teórico e metodológico da lógica formal e iii) tenta integrar a gramática do enunciado na gramática do texto, afirmando, porém, que não é suficiente apenas ampliar a gramática (como muitos de sua época já faziam). No entanto, uma gramática textual tem como fundamento especificar as estruturas profundas que são chamadas de macroestruturas textuais, sendo essa gramática a responsável por explicitar a coerência do texto.

4 O Oral e o Escrito em Koch e Oesterreicher

Neste momento, partindo das pesquisas mencionadas brevemente na Introdução deste trabalho, no que tange ao texto falado, trataremos agora das ideias de Koch e Oesterreicher (2007, 2013), no que diz respeito ao conceito de oralidade e escrituralidade³.

É importante falar que, nesta ciência chamada Linguística, principalmente da década de 90 para cá, inquietações referentes ao estudo do texto oral (além do escrito) surgiram. Nas palavras desses autores alemães, essas inquietações dizem respeito à (aos/ao):

- i) Relação existente entre as linguagens oral e escrita, somada a variedades linguísticas;
- ii) Enunciados orais que apresentam divergências quanto aos escritos, ou textos escritos que apresentam nitidamente marcas da língua oral;
- iii) Divergência conceitual entre linguagem oral e escrita nos moldes de comunicação divergentes com as possibilidades de comunicação;
- iv) Conceito de discurso relacionado à linguagem oral;
- v) Caráter de algumas marcas linguísticas da linguagem oral e escrita e a importância de tais marcas para a unidade de um dado idioma;
- vi) Primazia da linguagem oral e as consequências de sua transição para a língua escrita.

Para Koch e Oesterreicher (2007), a partir do momento que um texto é bem elaborado e devidamente planejado pertencerá à distância comunicativa; no entanto, quando um texto é menos elaborado e planejado pertencerá à proximidade comunicativa. Nesses termos, a partir do trabalho de análise do processo de escrituralização das línguas românicas elaborado por esses autores, temos as condições comunicativas de elaboração dos enunciados falados e escritos e das estratégias comunicativas que são empregadas pelos falantes e escreventes nos seus atos elocucionais.

Koch e Oesterreicher (2007) acreditam e defendem – na Linguística – que os termos ‘falado’ e ‘escrito’ designaram, em um primeiro momento, a realização material dos meios linguísticos, sendo a fala de caráter fônico e a escrita de caráter gráfico. No entanto, ainda para os referidos autores, tais termos reconhecem variedades de enunciados que não se diferenciam apenas pelo meio, seja ele fônico ou gráfico, mas também pela concepção discursiva que os usuários da língua possuem, como também pelas experiências desses usuários da língua com os textos.

Podemos, a partir das ideias desses autores, dizer que os enunciados que estão no meio gráfico – como, por exemplo, uma carta privada, as anotações de uma aula – estão mais

³ Nos pontos anteriores, tratei de modelos de análise textual. Neste ponto, trato das ideias de Koch e Oesterreicher que não criaram um modelo de análise textual. No entanto, conforme proposta deste artigo, acredito que seja de grande valia, além da compreensão, mesmo que breve, dos modelos textuais aqui apresentados, ter o conhecimento sobre os aspectos que compõem a oralidade e a escrituralidade. Não quis, portanto, quebrar o paralelismo do texto que proponho, mas enriquecer o debate que, a meu ver, torna-se mais promissor a partir deste ponto.

próximos da concepção discursiva da fala. No entanto, o discurso de um presidente e as orações de um funeral, mesmo sendo enunciados orais – veiculados no meio fônico – não se encaixam em uma concepção discursiva de fala, mas estão mais próximos da concepção discursiva de escrita, considerando as características de configuração linguística, grau de planejamento e a coerência textual (KOCH; OESTERREICHER, 2007).

Koch e Oesterreicher (2007) propõem, então, a diferenciação falado/escrito, oralidade/escrituralidade e proximidade/distância comunicativa, considerando não apenas a veiculação em meio gráfico ou fônico, mas também a situação de comunicação, o enunciador, o coenunciador, o discurso, o código e o contexto nos quais enunciados e coenunciados se encontram. Para esses autores, o que delimita a concepção de um texto são as seguintes condições comunicativas:

- a) **Grau de publicidade privado/público:** considerar-se-á o número de co-enunciadores, ou seja, se é uma conversa a dois ou de comunicação em massa, observando, igualmente a existência e o tamanho do público.
- b) **Grau de familiaridade/intimidade e ausência de intimidade ou familiaridade entre enunciador e co-enunciador:** dependem das experiências comunicativas, do conhecimento partilhado e da escala de institucionalização em que a situação comunicativa está inserida.
- c) **Grau forte de participação emocional e falta de participação emocional:** o enunciador e co-enunciador são parceiros da comunicação (afetividade) ou de objetos (expressividade).
- d) **Grau de inserção do discurso no contexto situacional e não inserção do discurso no contexto situacional:** é a distância dos objetos e dos parceiros referidos nos atos de comunicação.
- e) **Grau de referencialização direta e referencialização indireta:** fundamenta o estabelecimento da relação entre os elementos do contexto e a enunciação.
- f) **Grau de proximidade espacial e temporal entre os interlocutores e distância espacial e temporal entre os interlocutores:** diz respeito à situação de comunicação entre a proximidade física ou a distância física e temporal.
- g) **Grau de intensa cooperação e baixa cooperação:** caracteriza-se pelas possibilidades que o co-enunciador tem de influenciar diretamente a produção do discurso.
- h) **Grau de dialogicidade e monologicidade:** designa a possibilidade e a frequência de se assumir o papel de enunciador.
- i) **Grau de espontaneidade e reflexão:** refere-se à elaboração do discurso que pode ser espontâneo ou rebuscado.
- j) **Grau de pluralidade temática e fixação temática:** diz respeito ao tópico discursivo focado em uma temática ou o desenvolvimento de várias temáticas.

É importante que se esclareça que tais parâmetros não podem, em hipótese alguma, ser compreendidos de forma linear, principalmente considerando os polos relativos ao “oral” e ao “escrito” – à oralidade e à escrituralidade, que neste momento, são entendidos como os polos da “imediatez” comunicativa (concepção oral) e da “distância” comunicativa (concepção escrita) respectivamente. Koch/Oesterreicher (2013) caracterizam esses dois polos conforme quadros a seguir:

Quadro 4 - Linguagem da Imediatez

Oral
<ul style="list-style-type: none">➤ Diálogo;➤ Troca livre entre os participantes;➤ Familiaridade com o parceiro;➤ Interação 'face-to-face';➤ Desenvolvimento livre dos temas;➤ Caráter privado de familiaridade;➤ Espontaneidade;➤ Caráter participativo mais intenso;➤ Entrelaçamento com a situação.

Fonte: autoria própria

Quadro 5 - Linguagem da Distância

Escrito
<ul style="list-style-type: none">➤ Monólogo;➤ Inexistência de câmbio entre os locutores;➤ Desconhecimento do parceiro;➤ Distância espacial e temporal;➤ Tema fixo;➤ Caráter público;➤ Reflexibilidade;➤ Caráter participativo pouco intenso;➤ Não entrelaçamento com a situação.

Fonte: autoria própria

A partir de toda essa distinção dos critérios que “definem” a “linguagem da imediatez” e a “linguagem da distância”, Koch e Oesterreicher (2013) trazem, em definitivo, o conceito de “contínuo concepcional” que pode ser entendido como “o espaço dentro do qual os componentes linguísticos da imediatez e da distância, servindo como parâmetros específicos, misturam-se e constituem, desse modo, formas de expressão específicas” (p. 160). Nesse contexto, portanto, para os autores, o discurso relaciona-se à linguagem da imediatez, e o texto se relaciona à linguagem da distância, por ser uma produção mais elaborada.

Resumidamente, Durante (2017) expõe uma análise simples e de fácil entendimento no que diz respeito a esse contínuo e ao que constitui a linguagem da imediatez e a linguagem da distância a partir das condições comunicativas apresentadas ainda neste ponto do artigo:

Por meio das considerações dos valores paramétricos, podem-se identificar dois polos nas extremidades do contínuo falado/escrito. No polo da máxima imediatez comunicativa (falado), combinam-se os seguintes valores paramétricos: privacidade, familiaridade, forte implicação emocional, ancoragem à situação e ação comunicativas, referenciação com relação à origem do falante, imediatez física, máxima cooperação na produção, alto grau de dialogicidade, liberdade temática e espontaneidade máxima. Já no polo da máxima distância comunicativa (escrito), tem-se: o caráter público da comunicação, o desconhecimento entre os interlocutores, falta de implicação emocional, destacamento/desvinculação em

relação à situação e à ação comunicativas, impossibilidade de dêixis referida à origem do falante, distância física, ausência de cooperação na produção, “monologicidade”, fixação temática e máxima reflexividade (DURANTE, 2017, p. 137).

5 Palavras Finais

Neste trabalho, objetivamos mostrar, de maneira concisa, os princípios basilares de teorias textuais de autores necessários à compreensão da Linguística Textual, que acreditamos serem basilares, tanto pelo seu grau de importância, quanto pela possibilidade de embasar análises textuais em contextos diversos a depender da vertente teórica que se queira utilizar.

É importante deixar claro que o fato de mostrar concisamente tais teorias não significa que devem ser trabalhadas em sala de aula, mas certamente servirá como conhecimento mais didático para o profissional da linguagem que planeja, pensa e repensa suas ações que tem o texto como elemento central.

Não propomos aqui um trabalho amplo e exaustivo, mas preliminar e de fácil compreensão, que ousa, de forma acessível, resumir, sem perder a ideia central, os discursos de diversos autores que se debruçaram não só em modelos teóricos para se trabalhar com os textos, como também na análise desses textos, considerando o que é imediato e o que é distante do usuário do texto, produzindo-o e/ou analisando-o, seja na forma falada ou escrita.

Após a leitura dessas linhas, tornar-se-á necessária, parafraseando Bernárdez (1982), havendo a necessidade de ampliar os conceitos aqui expostos, uma busca a partir das obras originais dos autores aqui mencionados para mais esclarecimentos e entendimentos. No entanto, acreditamos que o objetivo pensado foi alcançado no sentido de aproximar teorias tão distantes e (para alguns) de difícil compreensão para um público que precisa delas para uma imediata preparação de aulas que tem o texto como elemento basilar.

Referências

ADAM, J.M. **Éléments de Linguistique Textuelle**. Liège: Mardaga, 1990.

BERNÁRDEZ, Enrique. **Introducción a la Linguística del Texto**. Madrid: Espasa-Calpe, S.A. 1982.

DURANTE, D. Oralidade e escrita: o modelo teórico das linguagens da imediatez e da distância comunicativas, de Koch e Oesterreicher. **Revista Philologus**, ano 23, n. 67, Rio de Janeiro, CIFEFil, p. 127 – 146, jan./abr. 2017.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015a.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2015b.

KOCH, Peter. OESTERREICHER, Wulf. Linguagem da imediatez – Linguagem da distância: oralidade e escrituralidade entre a teoria da linguagem e a história da língua. In: **Linha D'Água**, p. 153 – 174, 2013.

KOCH, Peter; OESTERREICHER, Wulf. **Lenhua hablada en la romanía**: español, francés, italiano. Madri: Editorial Gredos, 2007.

MIRANDA, Eduardo. La Lingüística del Texto de János Petöfi. **Revista Documentos Lingüísticos y Literários**, UACH, n. 13, p. 23-28, 2016. Disponível em: <www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=756>. Acesso em: abril de 2020.

_____. El modelo de teoría textual de Teun van Dijk. **Revista Documentos Lingüísticos y Literários** UACH, n. 12, p. 25-36, 2016. Disponível em: <www.humanidades.uach.cl/documentos_linguisticos/document.php?id=756>. Acesso em: abril de 2020.

PETÖFI, János Sándor. **Transformationsgrammatiken und eine kotextuelle Texttheorie**. Grundfragen und Konzeptionen. Francfort/M., Athenäum, 1971.

Van DIJK, T. A. **Text and context**: explorations in the semantics and pragmatics of discourse. Longman Group: New York, 1977.

Como citar

DANTAS, Wallace. Modelos de linguística textual, linguagem da imediatez e linguagem da distância dos/nos textos: uma abordagem concisa de Petöfi, van Dijk e Koch e Oesterreicher. **Caderno de Ensino, Linguagens e suas Tecnologias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 33-42, jan./jun. 2020.